

NO TERRITÓRIO DO ENSINO FUNDAMENTAL: DEMARCAÇÕES NA CULTURA CURRICULAR COMO EXPERIÊNCIA VIVIDA DE PROFESSORES

PAIXÃO, Carlos Jorge *

NUNES, Cely Costa **

RESUMO

Este artigo tem por objetivo demonstrar os resultados de uma pesquisa de natureza qualitativa, que investigou uma Escola Pública de Ensino Fundamental de Uma Cidade Amazônica, tendo por base a experiência concreta de Professores, considerando o pressuposto de que, os elementos que fazem parte da ação e expressão desses sujeitos nas suas experiências cotidianas (cultura como experiência vivida) estabelecem intersecções por ocasião do desenvolvimento do processo de escolarização, mediatizado pelas dinâmicas do currículo formal.

Palavras-chave: Cultura como experiência vivida. Currículo. Cotidiano Escolar. Professores de Ensino Fundamental.

* Doutor em Educação (UNESP, 1999); Pós-Doutorado em Educação (FE - UNICAMP, 2011); Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Curso de Pedagogia do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará. E-mail: carlosjpaixao@hotmail.com

** Doutora em Educação pela UNICAMP; Prof^ª Dr^ª do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. E-mail: csnunes@ie.ul.pt

IN THE TERRITORY OF ELEMENTARY SCHOOL: DEMARCATIONS IN THE CULTURAL CURRICULUM AS LIVED EXPERIENCE OF TEACHERS

PAIXÃO, Carlos Jorge *

NUNES, Cely Costa **

ABSTRACT

This article aims to demonstrate the results of a qualitative study, which investigated a Public Elementary School of an Amazon town, based on the practical experience of teachers, given the assumption that the elements that are part of the action and expression of these subjects in their everyday experiences (culture as lived experience) establish intersections on the development of the educational process, mediated by the dynamics of the formal curriculum.

Keywords: *Culture as lived experience. Curriculum. Everyday School. Elementary School Teachers.*

* *Doctor of Education (UNESP, 1999); Post- Doctorate in Education (FE - UNICAMP, 2011); Professor of the Graduate Program in Education and the Course of Education Sciences Institute of Education of the Federal University of Pará. E-mail: carlosjpaixao@hotmail.com*

** *PhD in Education from UNICAMP; Assistant professor of the Institute of Education, University of Lisbon. E-mail: csnunes@ie.ul.pt*

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo analisar alguns aspectos relacionados a uma investigação sobre o cotidiano da Escola Pública de Ensino Fundamental, como território de trânsito e transição na/da vida diária, na qual os sujeitos se apresentam por inteiro - onde Professores se relacionam com alunos e formam um *gradiente* complexo de relações, interações e contradições demarcadas, de um lado, pelo campo formal do Currículo Oficial de Disciplinas Escolares e, de outro, pelo lado líquido e escorregadio das relações informais que fazem parte das experiências vividas por esses sujeitos. Lemos o cotidiano, com o sentido de vida cotidiana que se aproxima do expresso por Agnes Heller (1989, p. 17):

A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa da vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade, colocam-se 'em funcionamento' todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, culturas, ideologias.

Para capturar os instantâneos das relações cotidianas no ambiente de escolarização da sala de aula, optamos pela pesquisa qualitativa na sua forma etnográfica, que nos permite uma descrição detalhada do ambiente e da expressão da experiência pessoal intensa dos sujeitos por meio da observação participante (CHIZZOTI, 1990, 1991; CLIFFORD, 2002).

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro, está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações (CHIZZOTTI, 1991, p. 79).

Após a realização deste estudo qualitativo, é possível afirmar que de uma forma geral, apesar de modelos paradigmáticos de ensino, com suas metodologias diretivas de aplicação do prescrito como conteúdo programático oficial, os professores em suas práticas pedagógicas no cotidiano da escola de Ensino Fundamental são os atores sociais responsáveis diretamente pela gestão democrática e contextualizada do currículo de disciplinas, e por esse motivo,

=====

podem em diversos tempos/espços oxigenar, ou não, a sala de aula com os elementos da cultura como experiência vivida que resultam das leituras de suas próprias existências e da escuta sobre as existências de seus alunos.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Cultura vivida, Cotidiano e Currículo: algumas notas conceituais

O termo cultura sofreu uma série de modificações de acordo com o momento histórico, sua materialidade e as múltiplas determinações do contexto social. Então, qualquer estudo que envolva esse termo, tanto regional como universal, será sempre uma escavação na direção de um maior entendimento do ser humano e de suas relações entre si e com o seu ambiente, e de sua relação com seus semelhantes e todas as coisas construídas individual e coletivamente.

A cultura vivida é mais uma variante desse termo, que se evidencia na cotidianidade, nas particularidades de alguns grupos humanos, que em um determinado ambiente exercitam a existência, encaram os obstáculos e apresentam soluções a uma multiplicidade de problemas à luz da experiência acumulada na convivência com a casa, a rua, a igreja, a vizinhança, a fábrica, o sindicato, a associação do bairro, etc.

Rousseau (*apud* HELL, 1989, p. 35) chama atenção em seu *Contrato Social* para a ação de uma *cultura viva* - dos usos, dos costumes, da opinião. Cultura esta que era capaz de abalar o poder coercitivo do estado, uma vez que poderia ser instrumentalizada no cotidiano das cidades e compor com outros elementos uma resistência às medidas governamentais, as decisões oficiais que atravessam as instituições da sociedade.

Esses processos sociais e culturais podem ser analisados na perspectiva global, com seus gigantescos e complexos sistemas políticos e econômicos ou em agrupamentos humanos, em pequenas organizações institucionalizadas ou não. Pode-se, por exemplo, investigar a questão da Sociedade Brasileira e do Estado Brasileiro (nacional), ou podemos pesquisar pequenos grupos humanos dentro de uma instituição local (a escola pode ser esse ambiente eleito), na tentativa de encontrar os elementos que estabelecem as conexões entre as experiências vividas no cotidiano (que fogem do controle do Estado) e os elementos formais da estrutura da sociedade (de controle), que se refletem na escola nas determinações do currículo oficial.

Assim, quando as "esferas econômicas e culturais" se cruzam dentro de uma instituição pública escolar, por meio do conteúdo programático do currículo formal, não significa que as estruturações e mecanismos de controle de um tipo de Estado e o interesse de seu agrupamento ideológico dominante, estejam linearmente formando por dentro do processo de escolarização e hegemonizando as formas do que é entendido como valor da classe que detém o poder, porque existe na vida cotidiana da Escola, um movimento dos elementos da cultura como experiência vivida, onde estão, entre outros aspectos, as *resistências* aos modelos estabelecidos.

Nos últimos anos, alguns estudos surgiram tratando sobre questões ligadas à relação entre economia, classe social, cultura, sociedade e o processo de escolarização. Segundo Apple (1982), esses estudos tratam de uma problemática cultural crítica dentro dos estudos sociológicos da escola. Tem havido um foco dual, nesses estudos culturalistas. A cultura tem sido analisada tanto como experiência vivida, quanto como mercadoria. O primeiro examina a cultura tal como ela é produzida na interação em processo e como um campo no qual significados e antagonismo de classe, raça e sexo são experienciados. O segundo olha para a cultura como um produto, como um conjunto de artefatos produzidos para uso.

No território geopolítico escolar, encontramos a cultura como experiência vivida interagindo com os conteúdos formais do currículo escolar. E o ambiente da sala de aula, aparece como o espaço-cenário onde os sujeitos (professor e aluno), em torno das expressões do vivido e dos conceitos expressos por autores e obras de áreas de conhecimento, convertidas em disciplinas.

Assim, é a sala de aula que promove esse confronto entre esses domínios: de um lado o conhecimento científico, organizado nas disciplinas (Matemática, História, Geografia, etc.) e de outro o conhecimento vivido (baseado nas experiências da vida diária dos sujeitos).

Em parte, historicamente, o currículo oficial é utilizado de diversas maneiras, como um instrumento de exercício de poder e controle social, e nesse caso, a escola assume um papel de responsável por balizar os "valores" sociais, condutas, hábitos e necessidades econômicas (consumo), pautadas pela lógica do mercado, onde os sujeitos, apesar do "discurso democrático" passam a fazer parte das tramas, manobras e fantasias que derivam da estrutura oficial de poder e de seus propagandistas.

Para Silva (2003, p. 28):

=====

Currículo está implicado em relações de poder, o currículo transmite visões sociais particulares e interessadas, o currículo produz identidades individuais e sociais particulares. O currículo não é um elemento transcendente e atemporal-ele tem uma história, vinculada a formas específicas e contingentes de organização da sociedade e da educação.

A Escola de Ensino Fundamental é uma instituição social, historicamente situada, e o seu conteúdo curricular oficial sofreram no decorrer das épocas e continuam a passar por todo tipo de influência e múltiplas determinações dos eventos que atravessam formalmente a sociedade, acreditamos que uma das vias para oxigenar o currículo de disciplinas pode ser traçada a partir dos elementos da cultura que se expressa nas vivências do cotidiano.

Vale ressaltar, que não estamos fazendo a defesa da eliminação do conhecimento formal curricular e a superposição do conhecimento informal das experiências vividas, mas, procuramos justificar que no tempo contemporâneo o melhor caminho de um estudo crítico da escolarização deve passar, entre outras questões pelo que teoriza Giroux (1999, p. 118), ao expressar que:

O conceito de pedagogia que está sendo defendido aqui não está organizado em relação a uma escolha entre elite ou cultura popular, mas como parte de um projeto político que assume as questões de libertação e empoderamento como seu ponto de partida. É uma pedagogia que rejeita o conceito de cultura como um artefato imobilizado na imagem de um depósito. Em vez disso, os princípios pedagógicos em ação aqui analisam a cultura como um conjunto de experiências e práticas sociais vividas e desenvolvidas dentro de relações de poder assimétricas. Nesse sentido, a cultura não é um objeto de reverência não questionado, mas um campo móvel de relações ideológicas e materiais que estão inacabadas, sobrepostas e sempre abertas ao questionamento.

Dentro desse “campo móvel” onde o processo de escolarização acontece os sujeitos não estão estáticos em seu cotidiano, mas sofrem a múltiplas determinações do conjunto de ideias que produzem e determinam as consciências e os horizontes em relação à existência em uma determinada sociedade, com seus moldes ideológicos e as implicações práticas que derivam das relações de poder institucionalizadas ou das ritualizações de particularidades das tradições e hábitos locais que compõe os “bens simbólicos” - bens culturais.

Para Sacristán (2000, p. 15):

Não podemos esquecer que o currículo o supõe a concretização dos fins sociais e culturais, de socialização, que se atribui à educação escolarizada, ou de ajuda ao desenvolvimento, de estímulo e cenário do mesmo, o reflexo de um modelo educativo determinado, pelo que necessariamente tem de ser um tema controvertido e ideológico, de difícil concretização num modelo ou proposição simples. Pretender reduzir os problemas-chave de que se ocupa a teoria e práticas relacionadas com o currículo a problemas de índole técnica que é preciso resolver é, no mínimo, uma ignorância culpável. O currículo relaciona-se com a instrumentalização concreta que faz da escola um determinado sistema social, pois é através dele que lhe dota de conteúdo, missão que se expressa por meio de usos quase universais em todos os sistemas educativos, embora por condicionamentos históricos e pela peculiaridade de cada contexto, se expresse em ritos, mecanismos, etc., que adquirem certa especificidade em cada sistema educativo. É difícil ordenar num esquema e num único discurso coerente todas as funções e formas que parcialmente o currículo adota, segundo as tradições de cada sistema educativo, de cada nível ou modalidade escolar, de cada orientação filosófica, social e pedagógica, pois são múltiplas e contraditórias as tradições que se sucederam e se misturaram nos fenômenos educativos.

O estudo e a reflexão sobre o movimento dos sujeitos no cotidiano da escola é uma das vias de que dispomos, para verificar as intersecções que resultam das relações travadas entre a cultura vivida e o conteúdo das disciplinas curriculares, escapando do pessimismo, para reafirmar o caráter plural do processo de escolarização e as possibilidades de um relacionamento democrático-esperançoso entre Professores e Alunos.

Forquin (1993, p. 10), levanta a seguinte reflexão:

O pensamento pedagógico contemporâneo não pode se esquivar de uma reflexão sobre a questão da cultura e dos elementos culturais dos diferentes tipos de escolhas educativas, sob pena de cair na superficialidade. Ele se encontra, na verdade, na situação paradoxal de não poder dispensar a ideia de cultura, mas tão pouco de poder utilizá-la como um conceito claro e operatório. Elucidar estas questões dos fundamentos e das implicações culturais da educação é hoje sem dúvida uma tarefa que só pode ser perseguida de modo indireto e fragmentário, mas que de qualquer modo vale a pena ser perseguida, pois que é a justificativa fundamental do empreendimento educativo que, através dela, está em jogo.

Assim, na parte seguinte deste trabalho apresentamos o movimento dos sujeitos em torno da cultura vivida e do currículo, com as demarcações, os significados e as variações que fazem parte da ambientação cotidiana da sala de aula.

2.2 No território dos elementos da experiência vivida e do currículo escolar

=====

Os elementos da cultura vivida se manifestam no cotidiano escolar juntamente com o conteúdo das disciplinas do currículo formal, e a sala de aula constitui-se no espaço onde melhor se pode observar e descrever o ir e vir dos sujeitos, em torno das expressões do vivido e das temáticas do conhecimento escolar, que são distribuídas na famigerada "grade curricular". A observação e o registro de instantâneos da ação diária dos Professores da escola pesquisada descortinaram alguns pontos, que apresentamos para uma reflexão crítica dessa relação entre o vivido e o processo de escolarização.

2.2.1 Currículo e Cultura como Experiência Vivida: Demarcações de Professores

Professor 01 - *Uma questão fundamental é a escola reconhecer que o currículo deve respeitar as diferenças entre os alunos e o conteúdo e que as atividades devem ser diversificada. O Currículo é um trajeto pelo universo das disciplinas. O conteúdo da disciplina é importante. Você coloca seu filho na escola para ele aprender algum conteúdo. O conteúdo deve ser adequado à realidade do aluno, esse currículo seria ideal, é o que estamos tentando em nossa escola.*

Professora 02 - *Sobre Currículo... O que eu entendo sobre a ideia de currículo? Currículo é a prática do professor em sala de aula. Nem mais nem menos – é tudo o que o professor faz com as disciplinas, com o desenvolvimento do calendário da escola, até as festas fazem parte do currículo, ainda mais na Pedreira do samba e do amor como dizem os “pedreirenses” mais antigos. O currículo é o que ensina o aluno na prática do dia a dia.*

Professora 03 - *Olhe para mim, currículo depende muito da série, da disciplina e tudo o que planejado pela escola em torno das disciplinas. O que pode entrar na sala de aula é currículo, o que não pode entrar e ser ensinado não é currículo, por que currículo tem haver com escola ou não... O currículo é da escola, ele não depende da vontade do professor, ele segue a lei do ensino, uma estrutura.*

Professor 04 - *Desde que eu me entendo falam de currículo. É currículo pra lá é currículo pra cá e a educação não melhora. Uma escola pode ter um bom currículo, pode ter um bom planejamento, uma boa diretora, mas se o professor ganha mal, e é essa realidade, o currículo está morto. Quem ganha mal, trabalha mal, seja na escola, seja na igreja, seja no mercado... seja em qualquer lugar. Quem leva o currículo pra frente é o professor. Não adianta pesquisa daqui e dali, precisa é pagar bem o professor, aí o currículo pode dar certo, senão o fracasso é certo, tanto do professor como do aluno...*

Professora 05 - *A ideia que eu tenho de currículo passa pela minha disciplina, porque tudo começa nela. A língua Portuguesa é a base. Se o aluno não sabe ler corretamente, ele não saberá contar, nem se comunicar com a escola. Eles vêm de casas muito pobres onde não se usa o livro, no máximo um Jornal Diário ou Liberal no final do mês. O currículo vai ser pobre porque o aluno é pobre. Escola de rico tem currículo de escola de rico. Tento ajudar trazendo revistas e livros, levando os alunos para a biblioteca da escola, mas os alunos não estudam nada. É só o currículo da televisão, onde pouca coisa se salva, vocês sabem que eu não estou falando nenhuma novidade... Aqui todos tem bastante tempo de serviço na Escola.*

Professora 06 - *A gente tenta ajudar o aluno, mas não basta só buscar caminhos alternativos, existe o aspecto legal também para as atividades do currículo de uma escola. O currículo é formal, é o que vigora. A proposta curricular é oficial, ela também é um pacote que não foi discutido com a escola devidamente. Não é só conhecer o Paulo Freire e achar que vai mudar o currículo da escola. O poder vem do Prefeito e de seus secretários, e escola segue as diretrizes da SEMEC, se ela se diz de esquerda, a escola vai a reboque, se é da direita também, a escola não tem saída, aí vai muito do diretor, dos professores, dos pais e dos alunos, é claro... A gente tem que aprender dar a César o que é de César... É isso daí, pra mim né...*

Professora 07 - *Que esse outro currículo mais aberto à realidade, onde a cultura se destaca, está longe de ser um aspecto legal, mas, a lei, de uma certa forma, ela te abre esse espaço, ela é flexível em vários pontos. Mas, falta tempo para incluir o vivido... É tudo muito corrido. Você só debate e vê a questão do aspecto legal, e aplica o currículo formal*

O que se percebe pelas colocações é que “grosso modo” não existe na escola um sentido de currículo que passe por um fundamento epistemológico, um referencial teórico. As considerações baseiam-se na prática pela prática e no documento legal da SEMEC. Paulo Freire é o autor mais lembrado de forma turística, eventual, muito mais como autor de um método do que como teórico crítico da educação.

Destacamos um trecho do depoimento de um Professor da Escola que revela essa questão:

Professor 08 - *A maioria de nós, não busca uma atualização, não cuida devidamente da formação. Um problema difícil de resolver é o nosso baixo poder aquisitivo. Um curso de Pós custa caro. E nós vamos nos contentando com reuniões de formação promovidas pela Secretaria. Eu, vou em todas. Mas, em minha opinião, é muita ideologia, muito discurso político-partidário e pouca formação para trabalhar na escola de forma*

=====

aprofundada. Por, exemplo o Paulo Freire, que todo mundo fala, mas na verdade ninguém estudou a obra desse autor, só alguns pensamentos, é muito pouco para compreender, e aí, quem brinca e é espontâneo com o aluno esta com o Paulo Freire, quem ensina e põe o aluno dentro da disciplina para estudar mais sério, não entendeu o método de Paulo Freire. Para mim, a escola tem que ensinar. Os Pais querem que seus filhos saibam ler, escrever, contar, conhecer mesmo, ter conteúdo pro vestibular no futuro. Se você conversar com os pais, pode ser o mais pobre, eles querem que o filho faça vestibular, eles querem escutar o Pinduca (Alô mamãe. Alô papai, bota a vitrola prá tocar... passei no vestibular...) no dia do resultado do vestibular... Todos pensam assim... E eu acho que acaba sendo isso mesmo... É a nossa realidade.

Professor 09 - *Alguém sabe me explicar essa diferença entre o currículo das vivências e o currículo formal..., então, aí se levanta uma questão muito interessante, para que serviria um currículo na escola, formar para vida ou formar para um mercado de trabalho?; só aí tem uma discussão muito grande, é, por exemplo, saindo do ensino fundamental e médio, vamos ter entre professores os que se voltam totalmente para o vestibular. O vestibular, o mercado de trabalho, também, no meu entender, estão nessa cultura vivida, o que você acha... Não é só boi, calipso, carnaval, círio, tudo está na vida, nas vivências, nas experiências, o que vocês acham disso?*

Professora 10 - *O sistema né? O sistema também é cultura. Ninguém escapa do sistema, porque hoje até a turma que fazia greve entra no sistema, como político, como Governo do Município, do Estado, do País ... E agora? No meu modo de pensar, no poder, todos repetem os mesmos erros dos antigos políticos e governantes... Não tem jeito meu filho, o poder muda as pessoas... É isso aí... Temos que fazer nossa parte e situar nossos alunos culturalmente. Olhar os elementos da cultura popular que fazem parte de nossa realidade.*

Professor 11 - *Aí você vê um currículo totalmente voltado para o mercado de trabalho, preparar o jovem, até mesmo tem escolas hoje que dentro da primeira à quinta série estão vendo matérias do ensino médio, e os professores falando ah, isso é matéria para ter sido dada na 1ª série, já pensando no vestibular. Então, pensando no vestibular eles colocam autores da literatura que fala da Amazônia, de suas lendas, de seu caboclo, da sua comida, mas não é um currículo, é só naquele momento mesmo...*

Professor 12 - *Só que as escolas públicas discutem, discutem, mais não agem, por que a praticidade em sala de aula, informa que, ele é um cidadão crítico, pra ir defender os direitos dele. Mas, o aluno e a família dele passa fome... A gente discute em sala, e esse cidadão*

crítico nunca aparece e nem se prepara para o futuro. Não se pode dar aula para que a criança tenha cultura se ela passa fome...

Professor 13 – *Tempo é dinheiro, esse é o lema da vida. Não sei se você já viu um camelô, ganhando dinheiro, dando palestra, eu poderia tá ganhando dinheiro como consultor, tudo bem que desde os 18 eu me viro, e já trabalhei como borracheiro, hoje, continuo sendo comerciante, quando perguntam pra mim o que é que sou, não digo que sou professor, porque professor, eu posso até pegar porrada aqui, é mais fácil de extinção porque nós não temos valor, eu como comerciante, comerciante não, camelô eu tenho mais valor, agora mesmo eu demorei aqui eu tava vendendo pra moça lá fora, no comércio lá, eu ganhei agora nesse minuto, 15 minutos eu ganhei o que um professor ganharia em 1 mês, tá então porque incentivar professor. Por exemplo, meu colega não sabe escrever, escreveu um negócio pra mim ele escreveu educação com "S", eu te levo lá agora, tu sabe quanto ele tira no mínimo, é 100 pau por hora, quando um professor que tenha um ou dois anos ganha isso, tem dias que o Agnaldo ganha 500 reais, também eu, é mais redução de renda nesse país, então não tem valor muito uns dizem faz cursinho, fazem isso, fazem aquilo, não sei nem porque eu fiz, porque na época eu ainda acreditava nisso, hoje eu não acredito, hoje eu sei que vocês vão Ter muita coisa pra falar depois, porque égua é má experiência, mas a gente tá vendo aí a situação do país, tá entendendo como é, mas tudo bem o sistema não tem culpa, vamos continuar lutando. Mas não é por isso que vou desestimular os colegas, pelo contrário, lutando é que a gente chega lá.*

Em recente tempo histórico a análise era mais simples, os pressupostos paradigmáticos, derivavam da moldagem política e econômica que vinha de um lado onde estava o bloco socialista e do outro como o bloco capitalista (em alguns momentos os professores envolvidos na investigação tratam da realidade com se existissem apenas dois polos – como se não fosse possível chegar as sínteses concretas), acho que a 1ª leitura para entender, um pouco a questão curricular hoje, é que vivemos um tempo de complexidades, onde os sujeitos que estão no cotidiano da escola constroem subjetividades e trajetórias, que não cabem em uma análise “sociológica simplista”, das classes sociais e estrutural, precisamos de outras leituras epistemológicas para uma iluminação de nossa prática - o posicionamento dualista que separava ideologias a partir da divisão de ricos e pobres seja de matriz de cunho marxista, liberal, neoliberal, nos dias de hoje, nem sempre conseguem dar conta de uma leitura da realidade pedagógica e da cultura com seus bens simbólicos que derivam de múltiplas determinações que se expressam no cotidiano escolar.

=====

Seguimos refletindo com apoio no pensamento de Forquin, sobre a tipificação da educação escolar:

No que se refere mais particularmente à educação do tipo escolar, a consciência de tudo o que ela conserva do passado não deve encorajar a inconsciência de tudo o que ela esquece, abandona ou rejeita. A cada geração, a cada ‘renovação’ da pedagogia e dos programas, são partes inteiras da herança, que desaparecem da ‘memória escolar’, ao mesmo tempo que novos elementos surgem, novos conteúdos e novas formas de saber, novas configurações epistêmico-didáticas, novos modelos de certeza, novas definições de excelência acadêmica ou cultural, novos valores. Devemos assim reconhecer o grande poder de seleção da ‘memória docente’, sua capacidade de ‘esquecimento ativo’. Pode-se então perguntar quais são os determinantes, os mecanismos, os fatores desta seleção cognitiva e cultural que faz com que uma parte da herança humana é assim mantida ‘a salvo do esquecimento’, de geração a geração, enquanto que o resto parece consagrado ao sepultamento definitivo (FORQUIN, 1993, p. 15).

Então a partir das colocações dos professores no cotidiano escolar, é possível identificar as marcas e tipificações de alguns discursos e pedagogias, que estão divididas em frentes de defesa de uma prática de ensino que siga: o currículo oficial, com suas disciplinas e o conteúdo estabelecido tecnicamente pela Secretaria de Educação; o rumo de uma pedagogia construtivista com método eclético; a pedagogia da libertação de Paulo Freire, utilizando os aspectos, mais espontâneo dessa forma de educar, esperando formar um aluno ideologicamente engajado na luta por uma sociedade mais justa e igualitária; o caminho da preparação para o vestibular, sem preocupação em discutir criticamente a realidade; experimentando eventualmente conexões entre o conteúdo formal e o conhecimento derivado das vivências e da cultura local. São vários os caminhos e as interpretações dos sentidos de currículo e da cultura vivida que se apresentam por hora no cotidiano da Escola Pública de Ensino Fundamental.

O tempo exige uma formação de professores que assumam o papel de intelectuais “organizadores da cultura” no sentido mais completo e concreto dessa afirmação do pensador Gramsci (1985).

Os Professores e Professoras, em sua maioria, não acreditam nas possibilidades de uma articulação entre a cultura como experiência vivida e o conteúdo curricular. Criticam o trabalho dos pesquisadores da universidade, alegando que a pesquisa não vai resolver os problemas do dia a dia da escola. Alegam em seus depoimentos que precisam de uma valorização por meio de melhores salários. Quanto à cultura vivida e as conexões com o

currículo da escola, apesar da consciência da riqueza dos elementos que fazem parte da cultura regional amazônica, poucos assumem a sua utilização como um recurso de contextualização do conteúdo das disciplinas.

Na verdade, este é um reflexo das questões históricas, são problemas históricos da educação brasileira que sofrem influência também da globalização, hoje da internacionalização da economia, internacionalização do conhecimento, embora o pesquisador e o projeto de pesquisa, certamente tenham a sua contribuição, talvez seja modesta diante da dimensão dos problemas, mas, nós pensamos ainda que estudar sistematicamente um problema na área educacional a partir do cotidiano escolar é uma forma de desvelar, de provocar uma reflexão sistemática sobre a nossa cultura e as conexões com o currículo.

Para nós, o fato da pesquisa ter provocado o debate no interior da escola, de mobilizar sujeitos em torno do problema dentro de percurso qualitativo, já sinaliza possibilidades de uma construção curricular a partir da interlocução com os sujeitos, dialógica e democrática que venha inserir o processo de escolarização em uma política cultural, como preconizam os fundamentos da teoria crítica da educação que sustentam nossa análise.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A validade da análise de um caso singular com o foco na sala de aula e no movimento de seus sujeitos depende de uma seleção coerente de autores e obras para além da descrição da prática e dos depoimentos, de forma a compor um núcleo teórico-conceitual capaz de traduzir os elementos da cultura que se expressa por meio da experiência vivida, da escolarização e o processo curricular, como um todo, escapando do estudo qualitativo que se basta com a simples descrição fenomenológica, neste estudo, os autores da Teoria Crítica demonstraram ser esse suporte analítico-sintético.

Apesar dos desencantados com sua experiência docente, a cultura como experiência vivida, penetra no ambiente escolar e se faz presente na sala de aula, quando o professor se dispõem facilitar a relação entre o conteúdo formal da disciplina e as ideias dos alunos, por ocasião do desenvolvimento de sua matéria. Embora alguns professores considerem que compor experiências cotidianas com disciplinarização curricular oficial é tornar mais trabalhosa a prática pedagógica, no entanto, foi possível comprovar, que esse tipo de exercício pedagógico, abre janelas de comunicação e qualificação entre questões vivenciadas e questões do conhecimento científico que se distribuem na programação curricular da escola.

=====

Citamos o exemplo das possibilidades da relação entre a cultura como experiência vivida e o currículo de disciplinas formais, por meio da única Professora (de História) que demonstra sua crença e esperança no currículo vivo e contextualizado, inserindo em suas aulas elementos da cultura popular, que fazem parte de sua memória, elegendo o local simbolizado pelo *Mercado Municipal da Pedreira, como um Espaço de Cultura Popular Amazônica, que visita todos os anos com seus alunos expondo sobre questões Históricas*. Destacamos a atividade da Professora de História como um exemplo de conexão entre o currículo formal e a cultura como experiência vivida:

Levei meus alunos ao Mercado Municipal da Pedreira, para que eles, valorizem o que é nosso, a nossa Cultura Amazônica representada pelas frutas, pelas comidas típicas, como por exemplo: o tacacá que vende na feira, os peixes da Amazônia como o tucunaré, o acará e tantas outras espécies. Mostrei para eles que o mercado também é um ponto de encontro das pessoas, onde conversam sobre tudo, espontaneamente, onde festejam na quadra junina o dia de São Pedro. No mercado também tem ervas medicinais que são usadas desde a época em que só os índios moravam por aqui, como no Ver-o-Peso. Ou seja, o Mercado é um patrimônio cultural do bairro da pedreira. (PROFESSORA 10 - LECIONA HISTÓRIA NA ESCOLA INVESTIGADA).

A cultura vivida e o processo dialético de ensinar-aprender-ensinar da escola, possivelmente ao buscarem as convergências, por meio da ação e expressão de seus sujeitos estarão contribuindo para a oxigenação e inovação das relações entre disciplinas e caminhos de ensino menos ortodoxos, concretos e fundadores de uma cultura interdisciplinar, pautada no conhecimento que brota da dinâmica da experiência vivida de Professores e da histórica disciplinaridade para inaugurar em algum tempo-espaco de sala de aula - o Currículo Vivo, dialético e contextualizado.

REFERÊNCIAS

- APPLE, Michael W. **Ideologia e Currículo** (Trad. Carlos Eduardo F. Carvalho). São Paulo: Brasiliense, 1982.
- _____. Repensando Ideologia e Currículo. In.: MOREIRA, A. F. B.; SILVA, T. T. (Org.). **Currículo, cultura e sociedade**. 11. Ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- BOSI, Alfredo. (Org.). **Cultura Brasileira**. São Paulo: Atica, 1987.
- _____. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.
- _____. Pesquisa em Sala de Aula. **Ciência e Cultura** (SBPC), 42 (11), p. 894-900, nov., 1990.
- CLIFFORD, James. **A Experiência Etnográfica**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.
- FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e Cultura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- GIROUX, Henry. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- _____. **Teoria Crítica e Resistência em Educação: para além das teorias de Reprodução**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- GRAMSCI, Antônio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. São Paulo: Círculo do Livro, 1985.
- HELL, Victor. **A Ideia de Cultura**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- HELLER, Agnes. **O Cotidiano e História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- SACRISTÁN, Jurgó Gimeno. **O Currículo uma reflexão sobre a prática**. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2003.
- WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

**Artigo recebido em 20/09/2015.
Aceito para publicação em 28/09/2015.**

=====